

CANUDOS: UM MOVIMENTO CONTRA-ACULTURATIVO?¹

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros

Antropóloga. Doutora em Ciências Sociais - PUC/SP

Professora aposentada da UFRJ e UERJ

professoraluitgarde@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta a análise do primeiro trabalho acadêmico de análise antropológica da Guerra de Canudos, Tese de Docência Livre, de autoria da antropóloga professora Marina São Paulo de Vasconcellos, defendida em 25 de abril de 1949 na Faculdade Nacional de Filosofia-FNFi/Universidade do Brasil.

Palavras-Chave: Guerra de Canudos. Cultura. Nordeste brasileiro.

¹ Este texto foi escrito, em 1997, para integrar um livro coletânea, com textos de professores participantes de um Congresso na Universidade de Colônia -Alemanha, em 1997, como Trípoli Gaudenzi, Bertold Zilly, Renato Ferraz, entre outros, no Centro de Lusofonia daquela Universidade. Não tendo sido possível ao organizador concluir o projeto, publicamos esse artigo, objetivando anunciar o projeto de publicação da Tese de Dona Marina, como primeiro trabalho acadêmico escrito sobre a Guerra de Canudos.



CANUDOS: A MOVEMENT AGAINST ACULTURATIVE?²

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros

Antropóloga. Doutora em Ciências Sociais - PUC/SP

Professora aposentada da UFRJ e UERJ

professoraluitgarde@gmail.com

Abstract

This article presents the first academic work of anthropologic analyses on Canudos War, Post-Doctoral thesis of the anthropologist and professor Marina São Paulo de Vasconcellos, on 1949 April 25 at Faculdade Nacional de Filosofia- FNFfi/ Universidade do Brasil.

Keywords: Canudos War. Culture. Brazilian Northeast.

² This text was written, in 1997, to integrate a collection book, with texts by professors participating in a Congress at the University of Cologne -Germany, in 1997, such as Tripoli Gaudenzi, Bertold Zilly, Renato Ferraz, among others, at the Lusophone Center of that University. As it was not possible for the organizer to complete the project, we published this article, aiming to announce the publication project of Dona Marina's Thesis, as the first academic paper written about the Canudos War.



Em 1997, ano do centenário da Guerra de Canudos, no marco das comemorações, procede-se a uma verdadeira arqueologia dos textos produzidos, seja pela história, literatura e antropologia, seja pelo jornalismo. Reeditam-se obras esgotadas, publicam-se relatórios inéditos, enfim, traz-se a público a reflexão sobre um fenômeno social que, marcando a memória do país, teve muito pouco espaço na história oficial, nos debates acadêmicos.

Os seminários e conferências evidenciam a importância dos estudos sobre Canudos, desenvolvidos pelo professor José Calasans Brandão da Silva, desde a publicação de seu livro *O Ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*, pela Tipografia Beneditina, em 1950.

Em 1951, defendendo concurso de livre-docência na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal da Bahia, com aquele livro como tese, o jovem Doutor em Geografia e História, posteriormente catedrático de História Moderna e Contemporânea introduz Canudos como tema constante nos estudos e debates com seus alunos, e nos congressos de que participou nos últimos quarenta e sete anos.

Como já o fizera Odorico Tavares em 1947, Calasans se desloca diretamente para Canudos, ouvindo sobreviventes dos embates, conhecendo os espaços físicos do novo arraial reconstruído sobre as cinzas do Bello Monte, a face marcada de conselheiristas, buscando no imaginário sertanejo, através da história oral, aquele mundo de crença e guerra que marcou a sociedade brasileira com o estigma do genocídio. Em décadas de estudos pesquisou documentos e jornais de época, escrevendo textos curtos, proferindo longas conferências e incentivando discípulos para a pesquisa do tema, enquanto organizou o famoso Núcleo Sertão, do Centro de Estudos Baianos da UFBA. Manteve um ciclo de palestras e vasta biblioteca de consulta, tornando-se o centro de informações para pesquisadores brasileiros da Europa, Ásia, América e África, que se interessam pelo assunto. Como se comenta em todas as reuniões de estudiosos de Canudos, Calasans é o mestre de todos nós, a enciclopédia que generosamente se dá em conhecimento, na ambição crescente do desvelamento da história de Canudos (FERRAZ, 1993).

Todos que o procuram pedindo informações sobre Euclides da Cunha, o sertão, Conselheiro ou a guerra, se defrontam com a tranquilidade de quem localiza criticamente em Os Sertões todo e qualquer episódio de interesse para a história regional e nacional, afirmando:

Os Sertões é uma obra tão importante, que Canudos ficou aprisionado numa gaiola de ouro! É necessário fazer-se pesquisas em cartórios, arquivos públicos e particulares, para se avançar com novas informações, clarificando-se pontos obscuros, dirimindo dúvidas, fazendo-se enfim a História de Canudos. Há muito documento a pesquisar, encaminhando-se novas interpretações (CALASANS, 1992).

Nessa dinâmica de trabalho, muitos artigos são escritos, numa reavaliação das obras clássicas sobre o fenômeno Canudos, além de outros tipos de estudos como a influência da guerra sobre seu narrado maior, e, mais recentemente, a importância de *Os Sertões* para a literatura da América e da Espanha.

É com esta preocupação de revisitar analiticamente a produção sobre Canudos nestes cem anos, que trago à discussão um trabalho pioneiro, primeira tentativa de interpretação antropológica do fenômeno, na Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Trata-se de “Alguns Movimentos Contra-Aculturativos do Nordeste”, tese do concurso à Docência Livre da Cadeira de Antropologia e Etnografia, defendida pela professora Marina São Paulo de Vasconcellos, em 25 de abril de 1949.

Colocando na mesma categoria “fatos sociais” Pedra Bonita, Canudos e Juazeiro, a autora classifica-os, logo no prefácio, como

movimentos “contra-aculturativos”, que “constituem a expressão mais típica de uma reação contra poderes de dominação, impostos violentamente, e são uma resposta psicológica, das mais convincentes da mente humana, a quaisquer atos que possam violar, esfacelando, os padrões culturais de um grupo (VASCONCELLOS, 1949, p.3).

O relato sobre Canudos é feito a partir, como explica a autora, da leitura do livro *Os Sertões*, tomado como base histórica, embora enuncie, sem explicitar, algumas críticas às análises de Euclides da Cunha;

As modernas comprovações científicas vão trazer novas luzes a certos trechos desta obra, no que se refere, por exemplo, a “raça”, “mestiçagem” e “meio social” como demonstrou Arthur Ramos nos seus magníficos capítulos sobre a mestiçagem no Brasil (VASCONCELLOS, 1949, p.22).



Apesar da nova visão desses conceitos, a tese reproduz a ideia dos sertanejos constituindo “uma multidão inculta e com uma história pregressa de crimes”, tanto em Pedra Bonita como em Canudos e no Juazeiro do Padre Cícero (VASCONCELLOS, 1949, p. 27).

Discutindo os conceitos de cultura, dona Marina, como era conhecida nos meios acadêmicos, utiliza, para a interpretação dos fenômenos de rebeldia sertaneja, a metodologia funcionalista, “Estudando a posição do elemento ou traço de cultura dentro de um grupo, relacionando-o com a totalidade cultural e verificando a importância dessa contínua interdependência” (VASCONCELLOS, 1949, p. 35).

Faltou nesse estudo, porém, o uso de outro elemento da metodologia funcionalista, que seria o trabalho de campo, tornando-o, pois, carente de elementos novos que enriqueceriam a análise ao invés da utilização estrita da bibliografia conhecida. A magnífica redescoberta da segunda Canudos por Odorico Tavares, divulgada em reportagem da revista O Cruzeiro, só resultaria em livro em 1951, sob o título *Bahia Imagens da Terra e do Povo*, e em 1993 – *Canudos: Cinquenta anos depois, 1947*; publicado em Salvador: Academia de Letras da Bahia, Fundação Cultural do Estado (TAVARES, 1951 e 1993).

A montagem do corpo analítico se faz com os conceitos de “área geográfica” (Kroeber), numa conciliação com “área funcional” e a noção de “perspectiva histórica” (Clark Wissler), como tentativa de entender as mudanças históricas. A autora explica, por esse esquema, o desenvolvimento da tese iniciada por “um esboço geográfico-humano, seguido de um resumo histórico” (VASCONCELLOS, 1949, p. 35).

Os fatos sociais narrados são explicados pela “cultura”, conceito amplamente utilizado para a interpretação dos comportamentos dos agentes envolvidos nas sedições. Cultura aparece como

respostas aos excitantes de ordem externa meio-ambiente - e aos de ordem interna - individualidade”, constituindo “um todo, que embora participando do meio geográfico, dos determinantes econômicos e dos fatores biológicos e psicológicos do indivíduo, forma um contexto próprio e é a grande base para a explicação do comportamento humano (VASCONCELLOS, 1949, p. 37).

As ideias de Krech e R. Crutchfield sobre psicologia social também são utilizadas, no entendimento de cultura como determinante das atividades e opiniões, dos contatos interpessoais.

Ao mesmo tempo que cita Frobenius na confecção de cultura como determinante comportamental até de quem a cria, critica o que chama a interpretação organicista desse autor pois, nenhuma cultura morre. Se por qualquer eventualidade histórica ela é dominada, vai apenas desaparecer nominalmente, pois os contatos os empréstimos que dará à outra cultura, vão transformar os elementos culturais do próprio grupo dominante (VASCONCELLOS, 1949, p. 38).

Esses conceitos de empréstimos culturais remetem a autora à dinâmica das culturas, cujas transformações, seguindo Herskovits por ela citado, são provenientes do “meio ambiente, da história e dos fatores psicológicos” (VASCONCELLOS, 1949, p. 39).

O culturalismo preservou, portanto, paradigmas explicativos do social, dominantes no século XIX e encontrados em Euclides da Cunha, como a força do meio na constituição do homem, na marcação de sua história e suas reações psicológicas.

Foi a construção do conceito de aculturação, como a utilizaram Franz Boas (1896) e J. W. Powell (1880), que inspirou os antropólogos Ralph Linton (Universidade de Wisconsin), Robert Redfield (Universidade de Chicago) e Melville Herskovits (Northwestern University) a se reunirem em 1935, num comitê da *Social Science Research Council*. Nesse encontro articulam uma definição de aculturação como “aqueles fenômenos que resultam quando grupos de indivíduos de diferentes culturas entram em contato direto e contínuo com subseqüentes mudanças nos padrões culturais originários de um ou de ambos os grupos” (VASCONCELLOS, 1949, p. 41).

Discutindo a complexidade da aculturação, a autora chama a atenção para o aspecto do comportamento das culturas submetidas, por “quaisquer determinismos históricos”, enfatizando a necessidade de se refletir sobre as diferentes formas de reação dos membros dos grupos a esse contato, a uma dominação cultural. Põe em discussão a possibilidade de reação aos elementos alienígenas, gerando o choque entre as culturas, contrariando as outras formas: aceitação e adaptação.

Seria um conceito próximo da moderna teoria de fricção interétnica?

Na linguagem culturalista a reação conflituada é entendida como fenômeno “contra aculturativo”, categoria na qual a autora inscreve os movimentos estudados, entre os quais Canudos.

Elemento interessante em sua argumentação é a ideia da mescla cultural sofrida pelos grupos que se repelem no choque cultural. Estou pensando em favelas, termo designativo de morros ocupados por gente pobre, nome trazido para o Rio de Janeiro pelos ex-combatentes de Canudos, que era bombardeada do Morro da Favela. Lembro também da rapidez com que os conselheiristas passaram a usar armamentos sofisticados do exército, abandonados pelas tropas de três expedições de ataque ao Bello Monte, além da preocupação do exército em estudar as técnicas de guerra do povo do Conselheiro.

A Guerra de Canudos é caracterizada como um movimento contra aculturativo, uma reação extroversa, isto é, um conflito aberto, uma rebelião bem caracterizada.

Neste momento, antigas sobrevivências culturais voltam à tona na mentalidade do grupo e à luta armada juntam-se as interpretações de sonhos promissores de uma vida melhor, numa volta de antigos heróis civilizadores, num verdadeiro processo messiânico de libertação, e o chefe escolhido no momento da reação, consegue prerrogativas especialíssimas de “shaman” de predestinado e cuja vontade deve ser cegamente obedecida (VASCONCELLOS, 1949, p. 43).

Suas interpretações de Canudos como movimento messiânico e Antônio Conselheiro como chefe predestinado, estão presentes em correntes da Antropologia contemporânea. O superado, teoricamente falando, são expressões como “debilidade mental paranoide” e “delírios arcaicos” atribuídos a Antônio Conselheiro, também caracterizado, seguindo Nina Rodrigues citado, como um psicótico em progressão.

A explicação das relações de fidelidade até à morte dos seguidores do beato, é que as populações sertanejas “se achavam no estádio inferior da evolução social” (RODRIGUES, 1939, p. X) que a autora propõe substituir por “estádio inferior de evolução cultural”.

A atualidade dos conceitos utilizados nesse trabalho de 1949, em relação às teorias antropológicas daquele momento, se comprova, cinco anos depois, com a leitura da *American Anthropologist*, Washington, 56 (6): 973-1000, dez 1954. Neste número se encontra o texto “Aculturação: uma formulação exploratória”, assinado por Siegel et alli, com a explicação: “Seminário interuniversitário de verão (1953)” promovido pelo Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais. Membros: H. G. Barnett, Universidade de Oregon; Leonard Broom,

Universidade da Califórnia, (Los Angeles); Bernard J. Siegel, Universidade de Stanford; Evon Z. Vogt e Watson (Antropólogos) e Broom (Sociólogo). (SIEGEL et. alli., 1954).

Fazendo o balanço das pesquisas sobre aculturação, entre os principais autores, o artigo mostra Arthur Ramos ao lado de Redfield, Linton, Herskovits, Mair e Malinovski, entre outros. O trabalho de dona Marina, discípula de Arthur Ramos e sua assistente na cadeira de Antropologia no período da tese, representa uma tendência antropológica da época, de substituir as explicações dos fatos sociais baseados em teorias raciais e de miscigenação, por interpretações culturalistas.

A inovação encontrada na tese em estudo em relação aos debates sobre aculturação, é a importância que a autora atribui às formas de resistência à dominação cultural, citando grupos que, segundo ela, resistiram em defesa de seu mundo, de seu modo de vida até o aniquilamento, como foi o caso de Canudos.

Essa possibilidade de resistência inexorável não tem qualquer espaço nos debates do citado Seminário sobre aculturação, que passa automaticamente, sem análise histórica das singularidades de cada caso, das teorias de “adaptação aculturativa”, “variações diferenciais de mudança”, para a ideia de “regularidades do processo de desenvolvimento”, entendidas como regularidades do processo de aculturação.

O modelo de análise culturalista só iria ser superado pelas explicações baseadas nos tipos de relações socioeconômicas processados entre os diferentes grupos, a partir de fins da década de 50, com a chamada Escola Paulista, desenvolvida inicialmente por Florestan Fernandes.

Diferente de Calasans, dona Marina não persistiu no estudo do tema, dedicando-se em seguida aos “estudos de comunidade”, pesquisando grupos de pescadores em Arraial do Cabo.

Vinte e cinco anos após sua morte, afastada do mundo acadêmico pelo Ato Institucional nº 5 em 1969, seu nome não se preserva apenas como expoente na resistência pela autonomia e dignidade da Universidade face à ditadura, como diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - UFRJ. Na história da mais encarniçada resistência de um movimento popular contra o extermínio decretado pelo poder nacional, seu trabalho, apontadas as limitações teóricas, se registra como

início de um movimento que trouxe ao debate acadêmico, numa tentativa de desvendamento, a tragédia de Canudos, ignorada pela história oficial.

Na mesma direção de análise do movimento de Canudos como reação às mudanças culturais, defesa das características próprias, Mário Vargas Llosa, em conferência na Academia Brasileira de Letras, afirma uma identidade latino-americana de grupos de resistência à modernidade (VARGAS LLOSA, 1997).

Esta capacidade de defesa das formas de vida estruturadas, por parte das populações mais pobres, se constituiria numa unidade de reação cultural que caracteriza uma identidade dessas populações na América Latina, fenômeno percebido com extraordinária lucidez, por Sarmiento. Esses movimentos aparecem como recorrentes em “Nuestra América”, na vertente épica e trágica da fatalidade histórica de nosso povo.

Fábio Paes, historiador, poeta e professor da Universidade Católica de Salvador, assim analisa o problema:

Os acontecimentos ocorridos há 100 anos no Sertão de Canudos transcendem a visão elitista de uma tragédia camponesa. Canudos, na realidade, mexeu com as mais profundas emoções da alma sertaneja, envolvendo milhares de homens e mulheres que deram a vida por uma causa, e trouxe dentro de si toda a vigorosa e bela radicalidade dos grandes acontecimentos populares libertadores da América (CARDOSO, 1997: p. 20).

Está sempre a ideia de resistência do povo de Canudos aos elementos inovadores trazidos seja pela cultura urbana, pela modernidade, seja pelos dominadores.

Em minha perspectiva de análise, os sertanejos do Nordeste fizeram, a partir de soluções endógenas, utilizando a mensagem evangélica, profundas mudanças sociais que desencadearam a reação das secularmente consagradas estruturas culturais de dominação, mediadoras do sistema numa sociedade assimétrica.

Entendido dessa forma, Canudos, enquanto movimento de beatos, que se reproduziria culturalmente em Cadeirão nas primeiras décadas do século XX, representa a existência de um projeto renovador das tradições organizatórias da hierarquia sertaneja. Exemplo dessa ação modernizadora das velhas estruturas é a mudança do significado de trabalho, tradicionalmente

caracterizado como infâmia, atividade de escravos, para dignificador, referência de homens de bem, pobres, mas honrados. A religião católica, tradicionalmente metafísica e legitimadora dos processos sociais existentes, ganha nova dinâmica quando começa a ser pensada e vivida na dimensão das práticas de vida. Privilegiando a solidariedade, o trabalho e a caridade com os mais fracos em detrimento dos rituais da Igreja como caminhos da salvação, o mundo dos beatos impulsiona transformações culturais refletidas no *ethos* do homem sertanejo, arrancando-o da passividade imposta pela violência de quatro séculos de dominação. Modificando a própria vida de resignação diante da miséria social, o sertanejo, mobilizado pela nova ética religiosa difundida a partir de meados do século XIX, reestrutura a realidade vivida através da difusão de escolas, hospitais e orfanatos (22 casas de caridade com essas três funções) construídos no sertão.

Combatendo a ideologia tradicional da acomodação sertaneja aos desígnios da sorte, o povo crente na nova mensagem se faz sujeito, abrindo estradas, construindo açudes, cemitérios e igrejas, acelerando as dinâmicas sociais, construindo um novo mundo sociocultural.

Através desse raciocínio entendo a quase unanimidade da reação urbana a Canudos, quando os defensores do projeto republicano de ordem e progresso consideraram extremamente ameaçadora a existência de um outro projeto de vida alternativa às propostas positivistas. Cabia às populações pobres do país, mais uma vez, se enquadrarem nas condições que lhes eram impostas pelos grupos dirigentes que não reconheciam o direito de as camadas socialmente inferiores tentarem elaborar suas próprias propostas de inserção social.

Articulando essa argumentação com as ideias de reação sertaneja aos processos culturais inovadores, defendidas por muitos autores, proporia uma inversão dos sujeitos, entendendo que a reação, no Brasil e no restante da América Latina, parte dos defensores da tradição sócio cultural de meio milênio, que se apegam a formas obsoletas de estratificação. Dominando inovações tecnológicas, usam-nas para impedir qualquer inovação cultural que signifique a possibilidade de alterações nas estruturas hierarquizantes e assimetricamente participativas da sociedade colonial, imperial, republicana e pós-moderna.

Referências Bibliográficas

CALASANS, José. **Palestra de abertura da II Semana Cultural de Canudos**, em 13 de julho de 1992

CARDOSO, José Fábio Paes. O Cancioneiro no Movimento Histórico de Canudos: Fragmentos da Memória Popular. **Boletim do Departamento de Ciências Sociais**. (Edição Especial. Interpretações sobre o movimento Sertanejo de Canudos). Lorena - SP, Faculdades Salesianas - Unidade de Ensino de Lorena, Ano III, nº 4, 1997.

FERRAZ, Renato. Palestra; I Semana Nacional de Canudos da UEFS. Feira de Santana, 1993.

RODRIGUES, Nina. **As Coletividades Anormais**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S, A. Editora, Biblioteca de Divulgação Científica, s/d.

SIEGEL, Bernard J. et. all. Acculturation: An Exploratory Formulatio... The Social Science Research Council Summer Seminar on Acculturation, 1953. In **American Anthropologist**, Washington, 56 (6); 973-1000, Dec. 1954.

TAVARES, Odorico. Bahia – **Imagem da terra e do povo**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.

TAVARES, Odorico. **Canudos: Cinquenta anos depois**. Salvador: Academia de Letras da Bahia, Fundação Cultural do Estado. 1993.

VARGAS LLOSA, Mário. **Conferência na Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro, novembro de 1997.

VASCONCELLOS, Marina São Paulo de. **Alguns Movimentos Contra-Aculturativos do Nordeste**. Tese de concurso à Docência Livre da Cadeira de Antropologia e Etnografia da Faculdade Nacional de Filosofia. Rio de Janeiro, 1949 (datilografado).

Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1997

Recebido em 2020-09-11 - Aprovado em 2020-12-15 - Publicado em 31-12- 2020